



INCLUSÃO DO LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES DE LÍNGUA INGLESA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

Leandra Ines Seganfredo Santos (UNEMAT)*
Marli Cichelero (SEDUC/CEFAPRO-MT)**

RESUMO: Neste artigo apresentamos e discutimos o uso de letramentos digitais na formação continuada de docentes de língua inglesa da rede estadual de ensino, ligados ao Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso (CEFAPRO/Sinop). Por meio deste estudo, objetivamos expor a metodologia usada no desenvolvimento de um curso de língua inglesa, a partir da plataforma e-ProInfo, e relatar os resultados obtidos mediante uso da ferramenta Fórum, verificando se e como sua oferta aos professores pode oportunizar a construção de conhecimentos teóricos, lingüísticos, metodológicos e culturais na área e qual o papel da tecnologia usada no desenvolvimento do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: formação continuada de docentes, letramentos digitais, língua inglesa, curso a distância

DIGITAL LITERACY INCLUSION IN CONTINUING PROFESSIONAL DEVELOPMENT OF ENGLISH LANGUAGE TEACHERS: SOME CONTRIBUTIONS

ABSTRACT: This paper presents and discusses the use of digital literacy in continuing professional development of English Language teachers of State schools through the Centre for Professional Development and Updating of Basic Education in the State of Mato Grosso (CEFAPRO/Sinop). The study aims to present the methodology used in the development of an English Language Course through the Platform e-ProInfo and report the results obtained from the use of the tool Forum. The idea was to verify whether and how the course provided teachers with the opportunity to construct theoretica, linguistic, methodological and cultural knowledge and find out what role technology played.

KEYWORDS: continuing professional development of teachers, digital literacy, English language, distance course



Introdução

A prática pedagógica cotidiana desenvolvida no Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio desafia os professores de várias maneiras, especialmente aqueles que lidam diretamente com o ensino da linguagem (Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Literaturas, Arte e Educação Física). Muitas são as inquietações dos docentes acerca de como podem proporcionar um ensino que possibilite a partilha de conhecimentos significativos, desperte o desejo pelo aprendizado da leitura e escrita, e de temas que a escola privilegia e da qual, efetivamente, os alunos participem do processo de ensinar e aprender. Procuramos responder a essas inquietações por meio do que aprendemos em nossos processos de formação, na vida cotidiana, nas nossas experiências como alunos e professores, e também no convívio com os alunos (GOULART, 2006).

Nos processos de formação está incluída a formação profissional para atuar na área da linguagem. Assim, ao longo da formação acadêmica, o professor entra em contato com diferentes teorias que, direta ou indiretamente, moldam seu fazer docente. Guimarães e Orlandi (2006) afirmam haver nos estudos da linguagem uma relação intrínseca e constitutiva entre teoria/método/objeto, sendo esse último determinado pelos primeiros que o pressupõem. As diversas teorias sobre a linguagem são afetadas pelo político e pelo próprio modo como constituem seu dispositivo analítico e teórico. Considerar esse aspecto nos abre para a reflexão sobre a própria história do conhecimento sobre a linguagem. Para esses autores, as diferentes linhas de reflexão não se configuram como momentos que se sucedem no tempo. Elas produzem permanências e concomitâncias que se mantêm em forte e proveitoso debate.

É nessa multiplicidade de teorias, advindas da pluralidade das práticas, que a linguagem e os fazeres docentes precisam ser estudados e compreendidos, culminando em propostas que auxiliem os profissionais a obter resultados cada vez mais satisfatórios, possibilitando a expansão da educação linguística. Nesse sentido, o objetivo deste texto é apresentar e discutir uma proposta de formação continuada (FC), mediante o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), idealizada pelo Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso (CEFAPRO/Sinop), e desenvolvida com um grupo de professores de Língua Inglesa (doravante LI) da rede estadual de ensino do Mato Grosso. Para isso, contamos com a participação efetiva dos municípios de Colíder, Sinop, Nova Ubiratã, Itanhangá, Itaúba, Nova Santa Helena, Santa Carmem e Vera, por meio da plataforma e-Proinfo, como forma de expansão e utilização dos letramentos digitais na formação do docente e possíveis impactos da linguagem digital na educação linguístico-teórico-metodológica do grupo pesquisado.



1. Linguagem: desenvolvimento de múltiplos letramentos

O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. É por meio da linguagem, como ferramenta semiótica, que nos inserimos no mundo e expandimos nossa percepção, a dos outros e de nós próprios. O desenvolvimento da linguagem ocorre desde os primeiros dias de vida e segue ao longo dos anos, em que indivíduos tentam construir significado ativamente (VYGOTSKY, 2001).

A língua é vista como a primeira e principal fonte sociocultural constituída (HALL, 2002, BAKHTIN, 1999). No cotidiano, continuamente defrontamo-nos com inúmeras práticas sociais nas quais as questões de língua têm relevância fundamental, quer seja no espaço escolar da alfabetização, quer seja da leitura e escrita de textos acadêmicos, quer seja no espaço fora da sala de aula em que somos solicitados a fazer uso da linguagem.

Para Schlatter & Garcez (2002), vivemos num mundo para além de uma única língua e para além da letra, ou seja, multilíngue e semiótico de cores, sons, imagens e de hipertextos que caracterizam nossa educação linguística. Nesse sentido, documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), por exemplo, entre outros estudos, têm mostrado que propostas de ensino de línguas, e, conseqüentemente, o desenvolvimento da linguagem para participantes desse contexto – dito globalizado – precisam valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, prevendo não só o desenvolvimento de capacidades necessárias às práticas de leitura e escrita, mas que verdadeiramente sejam capazes de se engajar em práticas de letramentos.

Adotamos, para este estudo, o conceito conforme versões mais recentes de letramento, definido

para além da concepção estrita de simples codificação e decodificação da língua escrita, passando a levar em conta fenômenos de natureza social” e que “não seja algo fixo, mas algo que está sempre em transformação. (SNYDER, 2010, p. 270).

Consoante Rojo (2009), um dos objetivos principais da escola é “possibilitar que seus integrantes possam participar das *várias* práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de *maneira ética, crítica e democrática*” (ROJO, 2009, p. 107, ênfase da autora), uma vez que a linguagem não ocorre em um vácuo social. Para tanto, para essa autora, é preciso que a educação linguística leve em conta os multiletramentos (ou letramentos múltiplos ou multiculturais), os letramentos multisemióticos e os letramentos críticos e protagonistas. O quadro que segue sintetiza as ideias de Rojo:



<i>Educação Linguística</i>		
<i>Letramentos múltiplos</i>	<i>Letramentos multissemióticos</i>	<i>Letramentos críticos</i>
✓ Não ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes; ✓ Colocá-los em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais.	✓ Ampliar a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semiões que não somente a escrita.	✓ Para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos.

Quadro 01: Síntese dos letramentos que devem compor a formação linguística, de acordo com Rojo (2009, p. 107-108).

É possível evidenciarmos que a evolução científica e tecnológica das últimas décadas tem mudado qualitativamente as relações humanas, a sociabilidade e a relação entre as sociedades. Pretto (2010, p. 306) assevera que o aumento do ritmo das transformações conduziu ao “achatamento do tempo e à contração do espaço, um possibilitando o outro, reciprocamente, constituindo-se em um verdadeiro labirinto espaço-temporal”. Para ele, presente, passado e futuro perdem nitidez e fundem-se por meio de aparatos tecnológicos digitais que são estruturantes de uma hipertextualidade. Assim, como nos alerta Rojo (2007, p. 63), “é relevante e urgente o estudo e a discussão dos letramentos digitais”, sobretudo, dada a importância dos atos de ler e escrever, extremamente importantes nas interações virtuais.

Na sequência, discutimos, ainda que de forma breve, os letramentos digitais e a expansão da LI no mundo globalizado.

1.1. Letramentos digitais

Relativamente poucos e em fase inicial são os trabalhos dedicados aos novos letramentos e multiletramentos no Brasil, o que demanda ainda muitos estudos e pesquisas relacionados ao tema. (MONTE-MÓR, 2007). No que diz respeito às práticas de letramento associadas ao uso das novas mídias, não há uma teoria em particular que contemple sua riqueza, complexidade e variedade. Para Snyder (2010, p. 273), por exemplo, as diferentes abordagens teóricas “sugerem múltiplas maneiras de analisar, avaliar e criticar os novos ambientes hipertextuais on-line e as práticas de letramento dos alunos quando em interação com esses ambientes”.

Nesse sentido, Freitas (2010) salienta haver diferentes definições de letramento digital. Diante das várias possibilidades, a autora aborda a classificação feita por Souza (2007, citado em FREITAS, 2010, p. 337 e 338) que as caracteriza em definições restritas – aquelas que não consideram o contexto sociocultural, histórico e político – e amplas – que consideram o letramento digital como prática social culturalmente constituída.

Há definições que evidenciam a habilidade de usar e compreender informações em diferentes formatos, provenientes de fontes variadas e proporcionadas pelo computador. Todavia, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, o



letramento digital implica conhecimento crítico desse uso, mediante aprendizagem de um novo tipo de discurso, o que, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua, conforme assevera Freitas (2010). Para esta autora há uma complexa série de valores, práticas e habilidades que constitui o letramento digital e está social e culturalmente envolvida em operar linguisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos. O letramento digital inclui, pois, leitura, escrita e comunicação.

Para este trabalho, concordamos, pois, com a definição de letramento digital elaborada por Freitas (2010), que o caracteriza como:

conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente. (FREITAS, 2010, p. 339).

Considerando-se que a inserção do computador no processo pedagógico acontece, sobretudo, a partir de trabalhos realizados via ambientes virtuais de aprendizagem (fóruns, *e-mails*, *blogs*, *sites* de busca, etc.), atividades que requerem letramento digital, Freitas (2010, p. 337) assevera ser relevante e urgente uma discussão de tal letramento no trabalho com professores. Nesse sentido, frente aos inúmeros focos em que o tema pode ser tratado, neste texto o abordaremos à luz de possíveis usos e interferências na formação docente, em especial com um grupo de professores de LI que, por estarem distantes do centro de formação, veem nesse centro a única alternativa que o governo oferece para a formação continuada, de colaborar com sua atualização profissional.

1.2. Línguas estrangeiras modernas e letramentos: ferramenta de inclusão social

A oferta de ensino de Línguas Estrangeiras (LE) não é novidade no Brasil, nem em outros países, visto que o interesse pelas línguas nasceu juntamente com a humanidade que, pelos motivos mais diversos, dedicou-se e tem se dedicado a dominá-las (PAIVA, 2003); nesse histórico de interesses, várias línguas já tiveram seus períodos de destaque mundial, como a língua latina e a francesa, por exemplo. Todavia, se no passado isso acontecia de forma lenta e sutil, no presente, na era da informação, da tecnologia, dos negócios, da *internet*, do turismo, do consumismo e da ciência, o uso de uma língua em comum torna-se indispensável, já que os indivíduos vivem uma *cibercultura* e se encontram reunidos pelo/no *ciberespaço* em um tempo de coexistência complexa de temporalidades (ASSIS-PETERSON e COX, 2007).



A LI, considerada a língua internacional, tem sido incluída nos currículos das escolas em todo o Brasil, inclusive em Sinop, em que é ensinada em 100% das escolas (municipais, estaduais e privadas), juntamente com a Espanhola (estaduais e privadas). A difusão tem sido analisada mediante leituras ingênuas e leituras críticas (ASSIS-PETERSON e COX, 2007), por meio de propostas que vão desde rejeição sumária do inglês, aceitação resignada de seu avanço, procura por um contrapeso (adoção de um outro idioma de grande aceitação) ou, ainda, diversidade linguística (FARIAS *et al*, 2008; RAJAGOPALAN, 2005). A LI é tratada por muitos “ dentre eles, Modiano (2001), e Ortiz (2006) “ como um idioma do mundo, propriedade pública, ou seja, desterritorializado, que não pertence a ninguém em especial, o que significa não ser mais um produto. Nesse sentido, para Assis-Peterson e Cox (2007), o idioma está apto a ser apropriado e ressignificado.

Diante do exposto até aqui, alinhamo-nos àqueles que se dedicam a leituras críticas da expansão das LE, em que, não se podendo evitar sua aquisição e/ou aprendizagem, meios possam ser pensados, discutidos, buscados e implantados em nossa sociedade, em especial em nossas escolas públicas, para que sejam ofertados a todos os indivíduos em condições que sejam eficientes e satisfatórias para alcançar as diferenças peculiares a cada um e ao seu meio.

O estudo realizado pela rede Education First (<http://www.ef.com/epi>) mostra que o Brasil ocupa o 31º lugar, numa lista de 44 países em relação à proficiência em Língua Inglesa e o ensino de Línguas Estrangeiras apresenta um déficit de 47.600 docentes, sendo que, dos que atuam, apenas 29% apresentam formação específica. Em tal contexto encontra-se o objeto do presente estudo, a formação do professor de línguas para atuar em diferentes níveis, mediante exploração, análise e problematização das práticas docentes e de “como educar para e com a informática, enquanto linguagem de uma cultura emergente”, conforme afirmam Buzato e Ribeiro (2010, p. 251).

No tocante à aprendizagem de LE no Ensino Fundamental, vale ressaltar que, nas considerações preliminares dos PCN (BRASIL, 1998), pode-se constatar que ela deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Na justificativa social para a inclusão de LE no Ensino Fundamental, os PCN afirmam que ela se dá pela função que desempenha na sociedade e que isso requer uma reflexão sobre seu uso efetivo pela população. Perante essas afirmações, pode-se postular que, ao contrário do que muitos profissionais pensam, seu ensino não é tarefa fácil, e exige dos professores que estejam realmente comprometidos com o trabalho que lhes foi designado.

É necessário, pois, que se ofereça um ensino de LI que possibilite aos professores e alunos aprenderem “a problematizar o discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que desrespeitam a diferença”, nas palavras de Rojo e Moita Lopes (2004, p. 38).



2. Formação continuada para professores de língua inglesa a distância: experienciando ferramentas

Entendemos, amparadas em Snyder (2010), que a disponibilidade da tecnologia é insuficiente para transformar a educação, para não falarmos de como equipar docentes e alunos com as habilidades e a agentividade de que necessitam para operar efetivamente no mundo do lazer, do trabalho e da cidadania. Também concordamos com a autora que a mudança requer muito mais do que simplesmente fornecer mais recursos tecnológicos às instituições educacionais e de que se o objetivo fosse a transformação, “toda a ecologia da educação teria de ser repensada” (SNYDER, 2010, p. 265), no que diz respeito à maneira como as instituições educacionais são organizadas e financiadas e em como os professores são formados e valorizados.

Entretanto, sozinhos, somos incapazes de promovermos mudanças. Nesse sentido, ao propormos um curso de formação a distância em que se proporcionem e examinem práticas e eventos de letramento atendendo para seu papel na vida cotidiana de docentes de LI, em seus diversos contextos, acreditamos que, pelo menos, pequenas alterações nas práticas de sala de aula possam ocorrer.

Nesta seção, dedicamo-nos, pois, à apresentação de um curso direcionado aos professores de LI da rede estadual de ensino, ligados ao CEFAPRO/Polo Sinop. O CEFAPRO, neste polo, atende quarenta e seis escolas, sendo que, dessas, trinta e três estão localizadas em outros municípios, e existe apenas uma formadora de LI, o que dificulta a FC nesta área em cada unidade escolar, logo, uma alternativa foi a oferta de curso a distância, viabilizado pela plataforma e-ProInfo, que é usada pela SEDUC para desenvolver cursos específicos. O **e-ProInfo** é um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem que permite a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como cursos a distância, complemento a cursos presenciais, projetos de pesquisa, projetos colaborativos e diversas outras formas de apoio a distância e ao processo ensino-aprendizagem. Na barra de ferramentas *Interação* encontra-se o ícone “Fórum” que tem sido uma das ferramentas mais utilizadas pelos cursistas no ambiente e-ProInfo, pois tem se tornando um espaço de intenso debate e diálogo entre uma grande parte dos participantes que já sabem utilizar o ambiente e essa ferramenta. Aos poucos esse ambiente está se tornando familiar e fazendo parte do dia a dia de formação dos profissionais da educação.

Um curso de formação à distância pressupõe uma plataforma *on line* e requer diferentes ferramentas para criar um espaço de interação entre os professores formadores-tutores, professores-cursistas das escolas, destes com seus pares e, com os conteúdos, com a finalidade de dar



oportunidade de formação aos participantes que se encontram longe dos centros de formação. Esse curso foi organizado totalmente a distância, sendo uma das alternativas de desenvolvimento profissional dos professores das escolas que necessitam de formação contínua e, devido às distâncias continentais de nosso estado, muitas vezes ficam impossibilitados de participar de cursos presenciais.

O MEC disponibiliza o ambiente virtual de aprendizagem e-ProInfo para as instituições de educação e Secretarias Estaduais de Educação que o utilizam para promover cursos a distância ou complemento de cursos presenciais. A escolha desse ambiente colaborativo de aprendizagem a distância remete a dois aspectos: 1) a SEDUC/MT disponibiliza o acesso ao ambiente ao CEFAPRO e também aos Núcleos de Tecnologia Municipal (NTM) e Estadual (NTE). Cursos do CEFAPRO/SEDUC/PROINFO/MEC (TIC, Elaboração de Projetos, Introdução à Informática na Educação), e outras instituições podem adotar o e-ProInfo para diversos tipos de ações; 2) a concepção desse ambiente como apoio à educação a distância e ao processo colaborativo de aprendizagem com o objetivo de oferecer cursos online, sem fins lucrativos, dando acesso às pessoas à formação na modalidade semipresencial e/ou totalmente a distância, como esse curso ora se apresenta.

No período de fevereiro a agosto de 2011, o ambiente e-ProInfo / SEDUC/CEFAPRO disponibilizou o curso *TELESPYRES: Formação Continuada para Professores de Língua Inglesa em Ambiente Virtual de Aprendizagem*, para 40 professores de LI da rede pública de ensino, no Polo de Sinop-MT. Fazem parte desse Polo 15 municípios. O curso foi planejado e oferecido por uma professora-formadora de LI (uma das autoras deste texto), juntamente com a equipe de tecnologia do CEFAPRO-Sinop, e teve a carga horária de 40 horas, na modalidade a distância.

Para o planejamento do curso foram elaborados objetivos e diferentes atividades de acordo com os conteúdos, e isso requer diferentes ferramentas do ambiente colaborativo de aprendizagem a distância, para a realização das dinâmicas planejadas e distribuídas em oito módulos distintos. Em geral, o curso foi planejado com o intuito de oferecer espaço para gerar debates sobre o ensino e aprendizagem de LI, em torno de atividades teórico-práticas que desencadearam outras atividades inter-relacionadas, como mostra a figura 01. A ideia era oportunizar aos docentes de LI apropriarem-se das tecnologias e as transformarem, de um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias (PRETTO, 2010, p. 309). Os professores-formadores do CEFAPRO escolheram as ferramentas para serem utilizadas e as alterações ocorridas no decorrer do curso foram comunicadas via e-mail. Assim, no desenvolvimento do curso, aproveitamos o potencial interativo das ferramentas do e-ProInfo para incentivar discussões teóricas que se refletem na prática



do professor de sala de aula e também encorajar o uso da leitura e da escrita pelos cursistas. Um dos enfoques pretendidos com as práticas propostas é a compreensão sobre os usos, familiaridade, aprendizados e, por que não, angústias, dos professores de LI participantes do curso diante desse novo letramento e possíveis avanços a partir de seu uso.

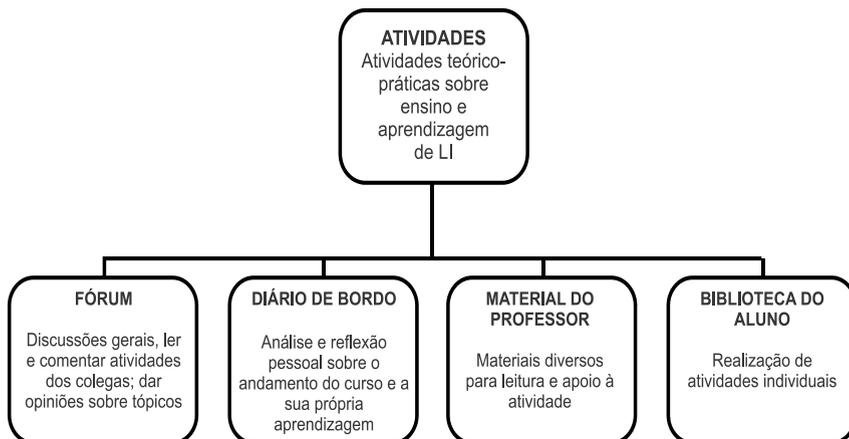


Figura 01: Organização do planejamento do curso; em destaque estão os nomes das ferramentas mais utilizadas para cada uma das atividades planejadas.

As atividades planejadas para o curso na plataforma e-ProInfo, apresentam concepções teóricas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras; as teorias foram apresentadas e discutidas pelos professores cursistas.

O canal de comunicação entre professora-formadora e os professores cursistas ocorreu por meio do *web mail* que serviu de ferramenta de comunicação com o objetivo de organizar as atividades de um determinado período. Ressaltamos que também foi criado um e-mail desse curso no *hotmail* para tornar possível o envio de arquivo anexado, uma vez que o *web mail* do e-ProInfo não disponibiliza esse recurso. O e-mail do *Telespyres* no *hotmail* foi utilizado intensamente como canal de comunicação entre professora-formadora e professores cursistas que, constantemente, manteve os professores cursistas atualizados de suas atividades realizadas e especialmente ajudando aqueles que apresentavam dificuldades em acessar o ambiente e localizar as atividades no ambiente e-ProInfo.

3. Fórum: acerca da formação continuada, do curso e ensino e aprendizagem de língua inglesa

O caráter qualitativo deste estudo pode ser percebido na apresentação dos dados. Devido a questões relacionadas a espaço, selecionamos para análise apenas dados gerados mediante o uso da ferramenta Fórum,



por concordarmos com Freitas (2010) de que ela nos proporcionou atingirmos o objetivo de fazer com que os participantes compartilhassem seus conhecimentos e angústias permeados pelo contexto cultural e social em que estão inseridos. Apresentamos, a seguir, alguns desses dados, categorizados a partir das questões para discussão.

As atividades desenvolvidas com o uso da ferramenta Fórum foram desencadeadas a partir de sete eixos de tópicos geradores de discussão, mediante título e assunto, elaborados pela professora formadora da área de LI, conforme mostra o quadro 02 a seguir. Na sequência, apresentamos cada um dos eixos e os principais dados coletados:

Título	Assunto
Histórias de aprendizagem de LI	A seu ver, há alguma possibilidade de, a partir das nossas experiências pessoais de aprendizagem, desenvolver Formação Continuada no sentido de melhorar nossa própria formação e, conseqüentemente, nossas ações em sala de aula?
Para falar inglês	Após a leitura do texto e da reflexão sobre os jeitos de aprender, quais das atividades você teve mais dificuldade em fazer? A partir da identificação dessas dificuldades o que é preciso para falar inglês?
Como me tornei professor de inglês	Em sua trajetória de formação houve algum profissional e/ou algum conhecido que contribuiu ou influenciou na sua vida profissional? Comente.
Diálogo teórico	Que conhecimentos são necessários para ser um professor de inglês?
Livro Didático	Você concorda com a afirmação: “se o professor é competente, ele pode dar uma boa aula com ou sem a utilização de um Livro Didático”? Justifique sua resposta.
Autoavaliação e avaliação do curso	Como foi sua trajetória de aprendizagem no curso “TELESPYRES: Formação Continuada de professores de Língua Inglesa”? A partir dessa experiência houve situações em que você conseguiu visualizar novas perspectivas para a aprendizagem da LI? Quais foram as contribuições da proposta de formação para o seu desenvolvimento pessoal e profissional? Quais são os ganhos que sua instituição terá com sua participação no que se refere à aprendizagem da LI?
Como potencializar a FC	Que conhecimentos o professor de inglês precisa para melhorar a formação? Como potencializar sua própria formação contínua?

Quadro 02: Síntese dos assuntos discutidos com o uso da ferramenta interativa “Fórum”.

3.1.1. Histórias de aprendizagem de língua inglesa

Com o primeiro tópico, a título de integrar os professores participantes, lançamos um questionamento para discutir se as experiências pessoais de aprendizagem possibilitam o desenvolvimento de FC no sentido de melhorar a própria formação e, conseqüentemente, as ações em sala de aula. No geral, as quarenta inferências, redigidas em língua portuguesa ou língua inglesa, de acordo com a opção do cursista, feitas para discutir esse tema, mostram que a FC é uma forma muito eficaz de socialização de conhecimentos, de aprimoramento da competência docente, e proporciona a reflexão crítica, sobretudo quando isso é feito de maneira diferenciada, como é o caso desse curso apresentado e discutido que viabilizou o exame de inúmeras práticas e eventos de letramento, como já alertava Snyder (2010). Mostraremos, na sequência, alguns excertos extraídos da plataforma para melhor compreensão de seu uso e as discussões nela desencadeadas:



A. A. C. Colfder, Prof. de Inglês¹	Enviada em Sep 29 2010 12:53:57:000AM It's great when we read a story similar to ours. It's a way to share our experiences and be sure that we must study hard to become better and better professionals day-by-day. The job market is very competitive, then, we must do our best to be better and better professionals. I love changing experiences, its great for our professional growing and I'm enjoying this course because we have the opportunity of changing ideas with professionals from the same area ²
--	---

J. C. M. Sinop, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Mar 29 2011 08:50:54:000PM A formação continuada permite aos profissionais aperfeiçoar sua competência docente. Este estudo dentro do ambiente de trabalho é a meu ver um dos mais eficientes instrumentos para a melhoria do ensino. É neste momento que os professores trocam experiências que fazem parte do repertório construído na sala de aula, seus pontos positivos e negativos. Sabemos que a modernidade exige mudanças, adaptações e quem não se atualiza fica para trás.
--	--

D. A. D. Santa Carmem, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Apr 3 2011 03:55:42:000PM I'll be honest, when I first thought that education was a waste of time to exchange experiences with other colleagues, but after I started taking courses and see the professionals talking about their work and projects and how some have realized the importance that we're sharing our experiences and thus always learning more and more
---	--

R. S. N. K. Sorriso, Prof. de Inglês	Enviada em Apr 3 2011 10:49:18:000PM Sempre minhas experiências me ajudam a reavaliar minhas práticas, portanto também acredito que são muitas as possibilidades de desenvolver a própria formação a partir dessas experiências de aprendizagem. Na Formação Continuada as possibilidades aumentam, pois além de nossas experiências de aprendizagens temos oportunidade de conhecer outras que nos enriquecem ainda mais nesta formação. No fim teremos boas ações em várias salas de aula e não apenas em nossas.
---	---

P. H. S. Vera, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Apr 8 2011 11:44:19:000AM L. S. (Vera, Prof. de Inglês e Português) Apr 8 2011 11:14:47:000AM Com certeza, acredito que com a troca de experiencias enriquecemos o nosso trabalho. Cada profissional desenvolve uma técnica de trabalho, mas vivenciar os trabalhos desenvolvidos pelos colegas nos ajudam muito para que possamos melhorar nossa didática e, a partir daí contribuir ainda mais para a construção do aprendizado dos nossos alunos. Concordo com a colega L. S., pois é de suma importância interagirmos com profissionais da área, devemos estar nos aprofundando sempre e também, trocando experiências para um melhor desempenho da língua.
---	--

¹ Os dados aqui descritos referem-se às iniciais dos nomes dos professores participantes, a cidade onde residem e trabalham e a ocupação profissional.

² Optamos por manter a redação original como aparece na plataforma.



R. A. A. Sinop, Professora formadora	<p>Enviada em May 18 2011 03:53:02:000PM V. T. G. (Nova Ubiratã, Prof. de Inglês e Português) Mar 9 2011 05:35:19:000PM Com certeza, pois tive experiência própria, e o interesse tem que partir de nós mesmos e consequentemente o estímulo virá. Deixar o medo e insegurança de lado, são fatores que te acompanham mas é preciso trabalhar o ego e ter autoconfiança de que tudo dará certo. Pelo menos tente.</p> <hr/> <p>Oi V., Trocar experiências, principalmente com registros on line, pode colocar em evidência as nossas opiniões e muitos podem se sentir melindrados por participarem. Porém quando nos colocamos como aprendizes, não só de teorias, mas nas trocas com seus pares, a reciprocidade participativa infere a questão da reflexividade das e para as nossas ações. Por isso convido a todos que participem dos fóruns, registre sua opinião e comente a opinião do colega.</p>
---	--

Os excertos acima, e os muitos outros contidos na plataforma, evidenciam que a ferramenta é útil no sentido de fomentar a discussão, em que muitos dos participantes sentem-se à vontade para expor suas ideias, até mesmo em LI, sem se importar com aspectos relacionados à ortografia, por exemplo. A ferramenta apresenta-se como veículo de interação de conteúdo significativo e até mesmo de melhoria no desempenho da língua, apropriando-se, dessa forma, da língua e ressignificando-a (ASSIS-PETERSON e COX, 2007). Esse fato nos leva a crer que, a partir dessa experiência, os docentes podem ofertar atividades semelhantes aos seus alunos, garantindo, assim, o tão esperado “engajamento discursivo” apregoado nos PCN (BRASIL, 1998), possibilitando-lhes, inclusive, refletir acerca do uso dessa ferramenta no cotidiano.

Os dados mostram que as experiências pessoais são propulsoras para uma FC que contribua para que ocorram mudanças na prática de sala de aula. D. A. D. mostra como tem mudado sua concepção sobre o assunto e isso tem influenciado sua prática, levando-a a expandir seu aprendizado. Já R. S. N. K. destaca a importância do trabalho em rede que esse tipo de curso proporciona (“em várias salas de aula”) de forma que vários profissionais com objetivos semelhantes podem interagir e socializar angústias, desafios e pontos positivos de suas práticas, servindo, dessa forma, de “modelo” para os demais.

Por fim, destacamos o excerto de R. A. A., em que aponta que “muitos podem se sentir melindrados por participarem”, denunciando a não participação de vários inscritos e estimulando-os para o ingresso no fórum como meio de refletir sobre as práticas desenvolvidas e as teorias estudadas. O esvaziamento do Fórum, em determinados momentos, é compreensível, já que, como nos alerta Freitas (2010), o letramento digital prevê conhecimento crítico de seu uso, culminando na aprendizagem de um novo tipo de discurso do qual nem todos os professores estão devidamente familiarizados e/ou sentem-se confortáveis em realizá-lo. Rojo (2009) também alerta para o fato de que muitos indivíduos apresentam dificuldades para engajar-se em atividades de letramento que



incluem leitura e escrita, e isso é visível sobretudo nas práticas de letramento digital por serem relativamente novas no contexto educativo, as quais, além de exigir aprendizados específicos de uso de diferentes ferramentas, mexem com valores e crenças já enraizadas (SOUZA, 2007, FREITAS, 2010).

3.1.2. Para falar inglês

Após conhecer um pouco sobre as narrativas de aprendizagem de LI dos cursistas, adentramos em um debate sobre aspectos relacionadas à competência profissional, ao desenvolvimento da habilidade oral e compreensão oral e aos fatores de personalidade que interferem na aprendizagem de LI. Depois de ler as vinte e duas inferências, selecionamos duas delas que supomos conter os elementos que melhor expressam esses aspectos.

A. A. C. Colíder, Prof. de Inglês	Enviada em Apr 4 2011 01:24:38:000AM I'm sure that my students have difficulties on writing and speaking, whenever we ask them to talk or write about their points of view, they stop and tell me "We don't know, we know neither write nor speak" of course that these abilities are hard, but they are afraid of trying, I always ask them if the problem is shyness or fear, and I also advise them to try "Practice makes perfect". Listening activities are necessary to develop this ability and we must thank that in 2011 we have books for all the students of public schools. What is necessary to speak English? This is a great question that I have thought and analyzed for many years and I got to the conclusion that to learn any language we must enjoy it and be sure about its importance on our lives.
--	---

R. A. R. Itanhangá, Prof. de Inglês e Português	Enviada em May 2 2011 11:04:11:000AM A. C. C. (Sinop, Prof. de Inglês) Apr 11 2011 05:39:35:000PM Sem dúvida as atividades que envolvem a oralidade e a produção escrita são as mais difíceis para trabalhar. Realmente as aulas gramaticais ainda predominam em sala de aula, por isso os alunos têm muita dificuldade em desenvolver atividades orais e que exigem um vocabulário mais amplo. Acredito que as lições de áudio sejam uma ferramenta que facilita esse processo. <hr/> Concordo com a A., as aulas estão mais voltadas para a gramática, e a falta de vocabulário torna difícil o uso da oralidade, sem contar que o tempo é pouco para se ensinar uma outra língua, e muitas vezes não dominamos a conversação para ensinar aos alunos, seria necessário muitos cursos para cada especificidade para se falar inglês em sala de aula.
--	---

O debate sobre “para falar inglês” foi de intensas discussões, nas quais os professores cursistas se sentiram à vontade para expressar a complexidade que é o aprender inglês. Ficou evidenciado que a oralidade e a compreensão oral são as habilidades em que os professores clamam por FC: no discurso de R.A.R, “muitas vezes não dominamos a conversação para ensinar aos alunos, seria necessário muitos cursos para cada especificidade para se falar inglês em sala de aula.”; no de C. F. P. C, “não temos segurança na hora da conversação”. Isso mostra que os professores também necessitam de desenvolvimento da comunicação oral para



sua atuação em sala de aula. Assim, na fala de R. A. R., percebemos reconhecer que, para melhor atuar em sala, também necessita continuar se aperfeiçoando. Nas palavras de A. C. C. C. “Acredito que as lições de áudio sejam uma ferramenta que facilita esse processo”, e também A. A. C. comemora quando diz que “we must thank that in 2011 we have books for all the students of public schools”. Com a chegada dos livros didáticos na escola pública, ambos os professores reconhecem a importância dos materiais de apoio para promover a comunicação oral. Acreditamos, entretanto, com base nos teóricos aqui abordados (Snyder, 2010, Freitas, 2010, Rojo, 2009, para retomar apenas alguns), que o amplo uso dos letramentos digitais, em suas múltiplas possibilidades, oferece oportunidades ímpares para o desenvolvimento da tão esperada habilidade comunicativa em LI.

Outro fator relevante a ser analisado quando se fala em aprender inglês está diretamente ligado à autoestima do aprendiz, como é possível visualizar em A. A. C., “they are afraid of trying. I always ask them if the problem is shyness or fear, and I also advice them to try”, e também no depoimento de C. B. Z., “people have fear of failure”. Esses aspectos estão relacionados a fatores de personalidade que interferem na aprendizagem de inglês. Como já mencionamos em outros momentos, o fórum possibilitou, em vários momentos, o engajamento discursivo em LI dos cursistas, levando-nos a crer que a condição não presencial não caracteriza um “enfrentamento” entre os participantes que, muitas vezes, intimida alguns deles e inibe a participação em conversações. Pelo contrário, a ferramenta proporciona certa segurança aos participantes para interagir, oportunizando, nesse caso, apenas um engajamento escrito.

Além desses aspectos, outros também foram pontuados, porém, a necessidade dos professores cursistas está relacionada ao desenvolvimento da conversação em sala de aula e, nesse sentido, muitos deles aproveitaram a situação para compartilhar com os colegas sugestões de atividades para desenvolver a comunicação oral. Dessa forma, dentre outras características, a plataforma apresentou uma função de veículo de socialização de práticas realizadas em diferentes contextos, oportunizando, assim, mudanças no fazer docente em sala de aula, ainda que, de forma bastante modesta.

3.1.3. Como me tornei professor de inglês?

Para esse fórum muitos professores recorreram às memórias de professores e colegas do tempo da faculdade que contribuíram para a sua formação; que, de alguma maneira, foram personagens decisivos para ajudá-los a enfrentar os desafios para se tornarem professores de inglês. Nesse cenário, a importância da graduação como início da carrei-



ra profissional, da prática docente e do aprimoramento profissional foram fatores quase unânimes nos relatos apresentados pelas quatorze inferências registradas. Apresentamos abaixo duas contribuições para mostrar esses aspectos observados.

L. S. Vera, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Apr 17 2011 11:23:31:000AM Quando iniciei a faculdade na Unemat, senti-me em apuros com a LE, pois tinha saído do curso de contabilidade e nao tinha expriencia com a mesma. Confesso que quase desisti. Mas, tive uma colega que foi minha salvaçao, ela gravava os textos e exercicios e eu ia escutando no onibus de Vera a Sinop para melhorar a pronuncia e a audição. Obrigada M., depois fiz outros cursinhos para ajudar. Nunca é demais estar em busca de novas metodologias e novos conhecimentos. Estamos aí para aprender mais
--	---

R. A. R. Itanhangá, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Jun 29 2011 12:13:08:000PM Comecei fazer a faculdade de Letras e tinha Inglês também fui aos poucos gostando da matéria, mas tinha algumas dificuldades que foram sanadas com o tempo, saí da faculdade e logo comecei a lecionar foi aí então que descobri que tinha que estudar muito para conseguir dominar a matéria e então de lá pra cá muito estudo, novas metodologias, pesquisas e assim me tornei professora de Língua Inglesa
--	---

Percebemos a relevância dada à formação inicial como ponto de partida para ser professor de inglês, à medida que, no ingresso à graduação de Letras, o graduando se depara com a LI, com a qual sente dificuldade, e daí por diante precisa superar essa dificuldade. Nas palavras de L. S., “quando iniciei a faculdade (...) senti-me em apuros com a LE”, e também R. A. R., “comecei a fazer a faculdade de Letras e tinha inglês”, é possível notar que, em geral, os estudantes começam a faculdade de Letras sem conhecer a LI e essa dificuldade torna-se o desafio para continuar no curso e se tornar professor de inglês. E nessa trajetória de formação inicial, tanto L. S. quanto R. A. R. relatam que, após concluir a faculdade, sentiram a necessidade de continuar os estudos, aprimorando-se cada vez mais: “depois fiz outros cursinhos para ajudar” (L. S.); “saí da faculdade e logo comecei a lecionar foi aí então que descobri que tinha que estudar muito” (R. A. R.).

Com essas contribuições de como se tornaram professores temos pistas de que os professores em-serviço necessitam de formação contínua, como já asseveravam Imbernón (2005, 2010) e Nóvoa (1992), por exemplo. Mediante esses dados, julgamos importante dar atenção aos profissionais com cursos (presenciais e/ou a distância) que atendam aos seus anseios.

3.1.4. Diálogo teórico

Nesse tópico os professores novamente continuam a fomentar o debate em torno da comunicação oral e tecem comentários sobre a FC no sentido de mudar a prática em sala de aula e também do constante diálogo entre teoria e prática para que haja mudanças significativas na



prática docente, corroborando as afirmações de Snyder (2010). Foram dezenove inferências, das quais destacamos com comentários dos colegas em cada uma delas, como seguem na sequência:

C. F. L. Itaguangá, Prof. de Inglês	<p>Enviada em Apr 5 2011 12:18:29:00PMR. S. N. K. (Sorriso, Prof. de Inglês) Apr 3 2011 11:44:48:000PMDesde o início de minha formação na área de LE eu leciono a língua nas series iniciais a finais do Ensino Fundamental e Médio na escola publica que trabalho até hoje. Depois de algum tempo percebi que faltava em mim uma habilidade comunicativa, pois meus alunos estavam avançando mas sem a compreensão da oralidade. Há pouco tempo participei de uma oficina na área de LE e o foco foi o trabalho com a oralidade e a partir daí fiz algumas mudanças na minha prática e ações. Hoje minha conclusão é que este deve ser um conhecimento essencial na formação do Professor de Inglês até porque os demais conhecimentos a Faculdade nos dá o suporte ou aprendemos com a prática</p> <hr/> <p>Precisamos constantemente de formação continuada para que possamos mudar a nossa prática em sala de aula, pois nos acomodamos com o tempo. Também fiz um curso recentemente que mudou a minha prática em sala de aula. Percebi que meus alunos passaram a se interessar mais pelas aulas</p>
R. U. Colíder, Prof. de Inglês	<p>Enviada em May 12 2011 08:07:29:000PMJ. C. M. (Sinop, Prof. de Inglês) Apr 4 2011 09:42:10:000PM</p> <p>Sabemos que há muitas teorias no que se refere à construção do conhecimento de uma língua estrangeira e que as condições sociais e culturais também determinam a construção desse conhecimento. Mas o que presenciamos é que muitos professores procuram cursos de proficiência e aperfeiçoamento após a formação. Um bom professor em minha opinião deve ter competência na língua, conhecer a cultura. Desenvolver atividades que contemple escrita, leitura e oralidade</p> <hr/> <p>Concordo com a J pois acredito que é necessário que se preocupe com a formação profissional antes de tudo e que devemos também ter conhecimento das teorias para que elas possam dar suporte à nossa prática, pois a união da duas coisas proporcionará um ensino mais eficiente</p>

R. S. N. K. comenta que o professor de inglês precisa saber falar em inglês e sente a necessidade de fazer cursos com foco na oralidade para aprimorar essa habilidade e, conseqüentemente, melhorar a atuação em sala de aula. E continua: “este deve ser um conhecimento essencial na formação do Professor de Inglês até porque os demais conhecimentos a Faculdade nos dá o suporte ou aprendemos com a prática”. Tanto C. F. L. quanto R. S. N. K. participaram de curso que desencadeou mudanças na prática, isso mostra a importância da FC na vida profissional dos professores de inglês. C. F. L. acrescenta que “precisamos constantemente de FC para que possamos mudar nossa prática em sala de aula”. As contribuições desse fórum mostram que os professores clamam para a necessidade de desenvolver a oralidade a fim de melhorar a prática docente.

R. U. e J. C. M. comentam sobre teoria e prática. Nesse contexto J. C. M. diz que “um bom professor em minha opinião deve ter competência na língua, conhecer a cultura. Desenvolver atividades que contemple escrita, leitura e oralidade”. R. U. concorda com J. C. M., porém, assevera que “devemos também ter conhecimento das teorias para que elas possam dar suporte à nossa prática, pois a união das duas coisas



proporcionará um ensino mais eficiente”. Por meio desse diálogo entre as professoras cursistas, percebemos que o entrelaçar de saberes docentes contribui para o fortalecimento e consolidação do desenvolvimento profissional. Tal diálogo contribuiu, também, para que as professoras se engajassem criticamente em profícua discussão sobre a importância de uma compreensão mais aprofundada dos aspectos teórico-práticos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem de uma língua no contexto educacional, permeado pelas questões sócio-histórico-culturais (SNYDER, 2010).

3.1.5. Livro didático

Com a chegada do LD na escola pública, a famosa frase *the book is on the table* enfim se consolidou, professores e alunos têm a sua disposição o livro didático e, com isso, debates intensos se formaram quanto ao seu uso em sala de aula (ver, por exemplo, RAMOS e ROSELLI, 2008). Essa conquista trouxe implicações ao fazer pedagógico do professor de LI, o que exigirá dos professores compreenderem as diferentes possibilidades de integrá-los em suas propostas educativas. Diante das dezoito inferências, alguns aspectos e até mesmo crenças acerca do uso do livro didático merecem destaque, tais como: o livro didático se consolida como um material didático e serve de apoio para realizar atividades; muitos professores acreditam que o professor bem preparado e com experiências não precisa de material para guiar seu trabalho. Selecionamos três excertos para apresentarmos parte da discussão desencadeada:

A. A. C. Colider, Prof. de Inglês	Enviada em Oct 18 2010 11:47:01:000PM It's necessary to know which way we must follow, a great class is possible without a grammar book, but certainly books are not replaceable. Great professionals can really get by without a book if he has some planning. Books are necessary to guide us. Then, teaching without a grammar book is possible, but not all the time. We mustn't be slave from a book, but having at least one in our hands is essential to prepare different and interesting classes.
--	--

L. S. Vera, Prof. de Inglês	Enviada em Apr 17 2011 06:41:20:000PM COMO OS COLEGAS JA DISSERAM O LIVRO DIDÁTICO É UMA FERRAMENTA A SER EXPLORADA POR PROFESSORES E ALUNOS. NADA IMPEDE DO PROFESSOR MINISTRAR UMA AULA COM DIFERENCIAL. OS ALUNOS COBRAM ALGO PALPÁVEL, E PEDE A PRESENÇA DO LIVRO. QUANDO O PROFESSOR GANHA AUTOCONFIANÇA E EXPERIÊNCIAS VAI UTILIZANDO MENOS O LIVRO E BUSCA OUTROS RECURSOS
------------------------------------	---

A. C. C. C. Sinop, Prof. de Inglês	Enviada em May 26 2011 11:15:16:000AM Com certeza o professor competente e preparado não depende de um material específico para apresentar bem o seu trabalho. Claro que o auxílio das ferramentas, como LD e materiais de apoio, como imagens, som, vídeos, laboratório de informática, Tvs, etc. é essencial para o trabalho ser bem sucedido, porém não significa que não se possa realizar uma boa aula sem o LD, até porque, até pouco tempo não tínhamos essa ferramenta. Na verdade, estamos ainda explorando e adaptando essa novidade no ensino de LE
---	--



O uso do LD gerou intenso debate. Para A. A. C. “having at least one in our hands is essential to prepare different and interesting classes”. Também nas palavras de A. C. C. C., quanto a aproveitar o LD para realizar atividades, “é essencial para o trabalho bem sucedido”, e L. S. o defende como “ferramenta a ser explorada por professores”. Nessas falas, igualmente, é possível perceber que os professores ainda não sabem como lidar com esse material, como vemos na fala de A. C. C. C.: “estamos ainda explorando e adaptando essa novidade no ensino de LE”. Esses comentários nos mostram que é necessário mais debates sobre o uso do LD em sala de aula para que os professores compreendam como integrá-lo na prática. Nesse sentido, acreditamos que além das discussões já proporcionadas na proposta, em atividades/cursos futuros, a plataforma poderá contribuir também para uma discussão mais profunda sobre esse importante tema que, indubitavelmente, reflete-se nas práticas docentes cotidianas. Alegra-nos perceber que, por meio do uso da ferramenta Fórum, questões fundamentais acerca do ensino e aprendizagem de LI puderam vir à tona e serem refletidas/discutidas. Conforme discute Pretto (2010), percebemos que o curso na plataforma configurou-se como importante veículo de formação docente ao apropriar-se das tecnologias e as transformar em um meio de expressão de ideias.

L. S. e A. C. C. C. comentam que, se o professor é competente, ele não depende de material específico, como um livro didático, por exemplo. Isso mostra que, nas vozes de alguns professores, quanto mais conhecimento e experiências o professor tiver, ele buscará por mais recursos além do LD, e assim tornará as aulas mais significativas para o aluno.

3.1.6. Autoavaliação e avaliação do curso

A avaliação é essencial para o acompanhamento das atividades tanto por parte dos professores cursistas quanto da coordenadora do curso. Fica visível, nas dez inferências postadas no fórum, a relevância da autoavaliação e da avaliação do curso para melhorar a prática por meio da reflexão sobre a própria prática a partir da leitura dos comentários dos colegas. Os cursistas percebem que ao ler e interagir com outros saberes docentes aprendem e juntos – professores, conhecimento, trocas de experiências – criam redes para se fortalecer e consolidar a LI no Estado de Mato Grosso, como veremos abaixo, nos três excertos selecionados.



J. C. M. Sinop, Prof. de Inglês	Enviada em Apr 5 2011 10:14:45:00PM Refletir sobre a prática educativa é muito proveitoso. Este curso a distância promoveu momentos em que ficamos sabendo sobre a formação profissional dos professores envolvidos no curso, suas inquietações e certezas. Esta reflexão se tornou na verdade uma avaliação do meu trabalho enquanto professora de Língua Inglesa. Ao responder e ao ler as respostas dos colegas aprendi muito. O educador deve pensar e repensar diariamente sobre sua prática em sala de aula para que a educação e a construção do conhecimento seja eficaz.
--	---

R. U. Colíder, Prof. de Inglês	Enviada em May 12 2011 09:12:26:000PM A autoavaliação é um processo difícil, pois encontrarmos nossas dificuldades e defeitos e falarmos a respeito nem sempre é um processo fácil. No entanto, acho que tive um bom proveito do curso, faltou mais tempo, para ler e reler os textos que trazem um material muito rico. Gostei do material escolhido e coletado pela coordenação do curso. Foram ricas fontes de informações e conhecimentos. Também gostaria de elogiar a iniciativa do CEFAPRO de realizar esse curso, mesmo que seja a distância, pois a carência que temos na área de Língua Inglesa, referente à capacitação e formação é enorme e sempre ficamos à margem do processo. Assim, começo a perceber que pouco a pouco, estamos conquistando o nosso espaço e estamos sendo vistos com mais respeito dentro do âmbito educacional. Dessa forma, espero que essa capacitação contínua não termine por aqui, pois temos muito o que aprender e nos aprimorar em nossa prática docente
---------------------------------------	---

P. S. S. B. Sorriso, Prof. de Inglês e Português	Enviada em Aug 3 2011 08:59:26:000PM O curso me fez refletir sobre quem sou enquanto professore de inglês, comecei a ver que preciso mudar algumas praticas adotadas, e vi também que não é porque não tenho uma diploma especifico para área que eu não posso ajudar meus alunos. Acredito que sempre que fazemos um curso só temos a ganhar, pois toda troca de aprendizado é válida
---	--

J. C. M. e P. S. S. B., por exemplo, fazem destaque para as mudanças que esse curso provocou na própria prática delas e J. C. M. reconhece que nesse movimento de interação com os colegas de profissão aprendeu muito: “Esta reflexão se tornou na verdade uma avaliação do meu trabalho enquanto professora de Língua Inglesa. Ao responder e ao ler as respostas dos colegas aprendi muito”. P. S. S. B. revelou que o curso a fez refletir sobre “quem sou enquanto professor de Inglês” e com isso propulsionou novos olhares sobre a formação profissional.

Essa avaliação direcionou o clamor pela continuidade de formação para professores de inglês, sendo esta a primeira no contexto a distância. R. U. mostra expectativa: “espero que essa capacitação contínua não termine por aqui, pois temos muito o que aprender e nos aprimorar em nossa prática docente”. E continua: “Assim, começo a perceber que pouco a pouco, estamos conquistando o nosso espaço e estamos sendo vistos com mais respeito dentro do âmbito educacional”. Diante disso, percebemos que professores das escolas, professores formadores do CEFAPRO, professores das universidades devem se unir para criar espaços para interagir, fortalecerem-se como professores de inglês e consolidarem a oferta e ensino de LI no Estado.



3.1.7. Como potencializar a formação continuada?

Os dados mostram que a FC se constitui como essencial para o desenvolvimento profissional dos professores de LI como processo reflexivo da própria prática, e também valorizam a questão da troca de experiências docentes. Novamente os participantes do curso apontam a necessidade do contato constante com situações de uso da língua e da prática da comunicação oral. Das seis inferências, as falas foram unânimes em dizer da relevância da FC na prática docente. Segue abaixo um dos excertos postados no fórum:

J. C. M. Sinop, Prof. de Inglês	<p>Enviada em Jun 21 2011 08:53:53:000PM R. U. (Colíder, Prof. de Inglês) Jun 20 2011 04:52:41:000PM</p> <p>A formação continuada é um processo fundamental na vida de qualquer profissional. Buscar conhecimento nunca é demais para quem deseja estar sempre atualizado e em consonância com as tendências atuais do mundo. Nunca sabemos tudo que necessitamos e assim precisa-se estar sempre estudando. Para um professor de inglês ensinar sobre uma segunda língua não é fácil, pois o número de palavras e expressões a se aprender parecem infundáveis e muitas vezes só vamos entender o porquê de determinados conhecimentos se tivermos algum nativo da língua por perto e isso não é muito comum. Assim, deve-se constantemente continuar estudando e praticando a língua, pois se não praticamos falando, ouvindo, escrevendo ou lendo, acabamos perdendo o contato com a língua e isso leva ao esquecimento e declínio de nossa formação docente</p> <hr/> <p>O professor deve estar preocupado com a sua formação e refletir a respeito dela. Precisamos estar em contato com a língua constantemente para não esquecermos coisas simples. A leitura também se faz necessária.</p>
--	--

R. U. e J. C. M. representam os professores cursistas que, de maneira geral, valorizam a FC: “é um processo fundamental na vida de qualquer profissional” (R. U.); “o professor deve estar preocupado com a formação e refletir a respeito dela” (J. C. M.), consolidando a ideia de que a FC é essencial como propulsora de processo reflexivo. Fica evidente nas falas das professoras que na FC se faz necessário o desenvolvimento das habilidades linguísticas no contexto de uso da língua como uma maneira de se manter atuando na profissão, como expressa J. C. M.: “...para não esquecermos coisas simples”, e R. U., em tom provocativo, alertando para a importância de evitar o “...declínio de nossa formação docente”.

4. Para concluir: avanços, limitações e novos desafios

Indispensável se faz, para concluir o texto, SEM, entretanto, encerrarmos o debate ou esgotarmos as ideias, retomarmos os pontos aqui abordados. Iniciamos apresentando a linguagem como fonte sociocultural para engajamento em um mundo multilíngue e semiótico, em que se faz necessário valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos nas diversas práticas de letramento. Discorremos que, no mundo



globalizado, algumas ferramentas são indispensáveis para os indivíduos efetivamente agirem como protagonizantes, dentre elas, destacamos o conhecimento das línguas estrangeiras (nesse caso, a LI) e os letramentos digitais, como formas de inclusão social. Na sequência, descrevemos como um curso para professores de LI foi idealizado e desenvolvido, a partir de uma proposta do CEFAPRO/Sinop, com o uso de diferentes ferramentas disponíveis na plataforma e-ProInfo.

A experiencição de uma ferramenta em especial – o Fórum –, gerou dados interessantes acerca do ensino e aprendizagem de LI. A análise dos dados e o relatório elaborado pela professora formadora ao final do curso apontam para alguns indícios interessantes, caracterizados como avanços, limitações e desafios.

A origem da proposta que merece ser relatada é o fato da elaboração do curso ter nascido de angústias da professora-formadora do CEFAPRO:

como professora formadora de LI da Área de Linguagem do CEFAPRO, representando o centro de formação, me senti no compromisso de promover um curso de FC aos professores de LI, então surge a primeira grande pergunta: como atender aos professores do polo de Sinop? como dialogar com eles para uma formação? logo a única alternativa foi de oferecer um curso a distância na plataforma e-ProInfo que já tinha experiência como tutora do curso PITEC (Elaboração de Projetos). A proposta do curso foi elaborada junto com a equipe de tecnologia do CEFAPRO-Sinop e depois apresentada à direção e coordenação deste centro de formação que deram parecer favorável à realização do curso de FC para professores de LI a distância (Depoimento da professora formadora de LI, proponente do curso).

Corroborando com as ideias de Snyder (2010), com base nos dados coletados na ferramenta interativa do Fórum, percebemos a interação que teve como consequência um trabalho com a leitura e a escrita, sob uma concepção de letramento, ou seja, para além da concepção de simples codificação e decodificação da língua ao levar em conta fenômenos de natureza social que estão sempre em transformação. A interação ocorreu mais entre os cursistas com as teorias e práticas, e entre eles e seus pares, tendo a professora formadora pouca interação com o grupo de professores cursistas. Acreditamos, portanto, que o CEFAPRO, por meio da proposição desse curso, tenha cumprido com um de seus papéis, possibilitando aos cursistas participar de práticas sociais que se utilizam de letramentos, nos moldes defendidos por Rojo (2009).



Dos 40 professores cursistas que se inscreveram, somente 14 concluíram. É possível dizer que os concluintes compreenderam o papel dessa ferramenta e a caracterizaram como aliada e necessária ao seu desenvolvimento profissional, e que esse ambiente já se tornou familiar, além de outros ambientes virtuais, pois também houve momentos de interação do curso via e-mail. As atividades que os participantes realizaram tinham em seu cerne a oportunidade de fazê-los pensar/refletir sobre assuntos relacionados à questão da identidade do professor, da sua formação e também sobre ensino e aprendizagem de LI, sendo que vários cursistas aproveitaram para usar essa língua em situações significativas. Dentre os motivos elencados pelos cursistas desistentes, estão questões relacionadas à gravidez, à falta de tempo, ao difícil acesso à internet em escolas de vilas, em escolas anexas, muitas delas a 150 km longe da escola sede; alguns, ainda, não se familiarizaram com o ambiente e-ProInfo, muitos tiveram problemas de acesso com login e senha, e outros não sabemos os motivos.

Um dos desafios que se coloca agora é o de investigarmos se há resistência ou não quanto ao uso dessas ferramentas em sala de aula. Outro desafio é o de atender a necessidade mencionada pelos professores de aprimorarem a competência linguística em LI, o que nos motiva a propormos um curso online que oportunize isso. Ofertar tal curso é uma de nossas próximas tarefas e nosso compromisso com nossos pares.

Referências

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópico**. v. 5, n. 1, p. 5-14, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed. SP: Hucitec, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUZATO, M. K.; RIBEIRO, A. E. Apresentação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2011.

FARIAS, M. *et al.* Sociocultural and Political Issues in English Teacher Education: Policies and Training in Argentina, Brazil, Chile and Colombia. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas, SP: Pontes, 2008. p. 23-44.



FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista** [online]. 2010, vol.26, n.3, p. 335-352. ISSN 0102-4698.

GOULART, C. **Letra viva**: práticas de leitura e escrita. *In*: Salto para o Futuro. Boletim 09, junho, Brasília: MEC/SEED, 2006.

GUIMARÃES, E; ORLANDI, E. O conhecimento sobre a linguagem. *In*: NUNES, J. H. & PFEIFFER, C. C. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem** – linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes, 2006. p. 141-157.

HALL, J. K. **Teaching and Researching Language and Culture**. London: Longman, 2002.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MODIANO, M. Linguistic Imperialism, Cultural Integrity, and EIL. **ELT Journal**: 55/4, 2001. p. 339-346.

MONTE-MÓR, W. Linguagem digital e interpretação: perspectivas epistemológicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, 46, n^o1, jan-jul 2007. p. 31-44.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 2.ed. Lisboa: D. Quixote, 1992.

ORTIZ, R. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIVA, V. L. M. de O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. *In*: STEVENS, C. M. T. & CUNHA, M. J. C. (Org.) **Caminhos e colheitas**: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 53-84.

PRETTO, N. T. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista** [online]. 2010, vol.26, n.3, p. 305-316. ISSN 0102-4698.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. *In*: LACOSTE, Y; RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo, SP: Parábola, 2005. p. 135-159.



RAMOS, R. C. G.; ROSELLI, B. R. O livro didático e o ensino-aprendizagem de inglês para crianças. *In*: ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (Org.) **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades**: reflexões para professores formadores. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 63-84.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v.46, n^o1, p. 63-78, jan-jun 2007.

ROJO, R.; MOITA-LOPES, L. P. Linguagens, códigos e suas tecnologias. *In*: BRASIL/MEC/SEB/DPEM. **Orientações curriculares de ensino médio**, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004.

SCHLATTER, M. & GARCEZ, P. M. Treinamento ou educação no ensino de língua: escolha metodológica ou política? *In*: PAIVA, V. M., DUTRA, D & MELLO H. (Orgs.), **Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**: a linguagem como prática social. Belo Horizonte: ALAB/FALE/UFMG, 2002.

SNYDER, I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. **Educação em Revista** [online]. 2010, vol.26, n.3, p. 255-282. ISSN 0102-4698.

SOUZA, V. V. S. Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, n. 2, p. 55-69, dez. 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 27 de janeiro de 2012.
Aprovado em 18 de maio de 2012.



***Leandra Ines Seganfredo Santos**

Graduada em Pedagogia e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Estudos Linguísticos (Linguística Aplicada) pela UNESP/IBILCE. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutoramento na PUC/SP cujo objetivo é descrever e discutir as teorias e práticas que norteiam os projetos/programas de formação continuada na área da linguagem vivenciados/desenvolvidos no contexto público de ensino estadual de Sinop/MT. É professora concursada na Universidade do Estado de Mato Grosso, na área de Metodologia do Ensino, com experiência nos Cursos de Pedagogia e Letras, com ênfase em Formação Docente e Língua Inglesa.

Email: leandraines@hotmail.com

****Marli Cichelero**

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Especialização em Língua Inglesa pela PUC-MINAS (1999). Atualmente é mestranda do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC/SP. É professora formadora de Língua Inglesa do CEFAPRO do Estado de Mato Grosso, onde atua na formação continuada em serviço dos professores nas escolas públicas (CEFAPRO/Sinop). É membro do Grupo de Estudos e pesquisas em Linguística Aplicada e professora revisora de Língua Inglesa da Revista *Eventos Pedagógicos*. É presidente da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso.

Email: marli.cichelero@seduc.mt.gov.br